Globethics Repository



Thomas Merton e o Zen Budismo
[Thomas Merton and Zen Buddhism]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Ribeiro Nasser Salomão, Norma
Publisher	Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-10-30 05:09:18
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/219917

Thomas Merton e o Zen Budismo

Norma Ribeiro Nasser Salomão*
[normanasser@acessa.com.br]

Resumo

O presente artigo pretende traçar alguns aspectos referentes ao possível diálogo existente entre a mística cristã e a mística zen budista sob o olhar de Thomas Merton e Daisetz Teitaro Suzuki. Na visão de Merton a concepção budista se focaliza mais na experiência espiritual concreta do que em explicações racionais. O monge refuta os estereótipos construídos no Ocidente em torno do budismo, como sendo um modo de pensar quietista, ateísta e de negação do mundo.

Palavras-chave: Visão Interna Zen, Vacuidade, Silêncio, Diálogo Inter-Religioso.

Abstract

This article aims at tracing some aspects concerning the possible dialogue between Christian mysticism and mystical Zen Buddhism as understood by both Thomas Merton and Daisetz Teitaro Suzuki. According to Merton's view, the Buddhist conception focuses more on concrete spiritual experience than on rational explanations. The monk refutes the stereotypes about Buddhism construed in the West, where it is understood as a way of thinking marked by quietism, atheism and world denial.

Keywords: Zen Internal Vision, Emptiness of Space, Silence, Inter-Religious Dialogue.

* Graduada em Psicologia e Comunicação, especialista em Ciência da Religião (UFJF) e mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Introdução

As sombras dos bambus estão varrendo os degraus
sem levantar poeira.
Sentença zen

Thomas Merton em seus estudos sobre as diversas religiões orientais enfrentou vários desafios e riscos. Mergulhou no terreno altamente perigoso do diálogo inter-religioso pelo viés da experiência onde qualquer comparação entre uma religião e outra parece a princípio impossível, especificamente nos casos do Zen budismo e do Cristianismo, que serão abordados neste artigo. Como o próprio Merton elucida, não é possível compreender totalmente o Zen nos parâmetros de uma reflexão teológica ou filosófica ocidental. Embora se possa fazer algumas analogias no campo da mística, não se pode afirmar que a experiência religiosa de um cristão, de um sufi ou de um mestre Zen é igual ou mesmo semelhante. Mesmo assim ele se arriscou, não só a compreender as outras tradições religiosas mas também a buscar a experiência pura e direta dos místicos; ele procurou a vivência do Zen budismo, não se contentando com o conhecimento puramente racional e intelectual.

É difícil imaginar como uma prática espiritual onde seus mestres afirmam: "Se encontrares o Buda, mata-o!", possa ser compatível com o pensamento do místico cristão onde se prega a necessidade de Jesus Cristo como um símbolo fundamental na contemplação cristã. Sob o prisma de Merton o cristianismo tem por base a revelação do próprio Deus no mistério de Cristo, revelação esta que é comunicada em palavras e pronunciamentos, fazendo às vezes com que se esqueça que "o cerne do catolicismo é também uma experiência vivencial de unidade em Cristo, que transcende muito todas as formulações conceituais."[1] No cristianismo a prioridade se encontra na doutrina objetiva e na revelação sobrenatural, entretanto, no Zen, a experiência é sempre mais importante e deve penetrar no fundamento ontológico do ser, experiência esta que deve ser comunicada entre mestre e discípulo, e não simplesmente pela "palavra do

[1] Thomas MERTON. *Zen e as aves de rapina.* São Paulo: Cultrix. 1997. p. 64

senhor", como no cristianismo. O mestre Zen não tem a pretensão de ensinar, mas de despertar a consciência adormecida do discípulo.

Para Merton, o Ocidente vive numa tradição muito forte de egoísmo e de utilitarismo excessivo, onde tudo tem sempre de ter algum significado, onde somos obrigados a não parar nunca, e a ter sempre mais. É aí que o Zen torna-se importante, como a causa da frustração nesta mente tumultuada, como diz Merton, "o 'fato' do Zen, seja qual for, sempre acaba por atravessar nosso caminho como árvore caída, que não nos permite seguir adiante."[2] Fazendo uma analogia entre a Cruz no Cristianismo e o "Sermão do Fogo" de Buda, Merton aproxima as duas religiões pela utilização de uma vivência pessoal do cotidiano da existência humana, como substância para a mudança da consciência. Como se vê, os "fatos" não são puramente objetivos, mas envolvem uma experiência pessoal. Para Merton, tanto o Cristianismo como o Budismo se afinam na reflexão sobre o sofrimento, que consideram não como um problema vindo de fora, mas como fazendo parte de nossa "identidade-ego" e de nossa existência empírica, "e a única coisa que podemos fazer em relação a isso, é mergulhar de cheio em plena contradição e confusão, de maneira a ser transformado pelo que o Zen denomina 'a Grande Morte' e o Cristianismo declara ser 'morte e ressurreição em Cristo'." [3]

Merton é um poeta, sua escrita é a de um pintor, como se pode observar neste haikai digno de um mestre Zen: "Tarde tranqüila. Colinas azuladas. Lírios balançam ao vento. Este dia jamais voltará"[4], e como tal se encantou pelo Zen, onde brilha a natureza, a autenticidade, a humildade, enfim, a vida como fonte inesgotável de sabedoria e poesia. Este texto fará um ligeiro panorama da interpretação de Merton sobre o Zen budismo, e das repercussões que este pode ter no pensamento da sociedade plural ocidental.

1. Merton e o Zen budismo

A lua do espírito é solitária e perfeita:
A luz absorve as dez mil coisas.

[2] Idem. p. 74.
[3] Ibidem. p. 75.
[4] Ibidem. p. 17.

Não é que a luz ilumine os objetos,
Não há objetos em existência.
Tanto a luz como os objetos se foram,
E o que resta ?[5]

Este texto se propõe a uma breve leitura de algumas das obras de Merton, especificamente *Zen e as aves de rapina* e *Místicos e mestres Zen,* onde ele analisa o zen budismo e as suas possíveis relações com o catolicismo. Em seus ensaios sobre o Zen budismo Merton tenta explicá-lo à luz da experiência ontológica de uma percepção indizível e inexprimível e não por pressupostos teóricos. O autor coloca no prefácio do seu livro *Místicos e mestres Zen* que apesar das grandes diferenças entre as diversas tradições religiosas, existe algo em comum entre o monge e o adepto do Zen, princípios básicos estes que serão analisados a seguir.

Para Merton, um dos mais importantes estudiosos do Zen budismo é o padre jesuíta Heinrich Dumoulin que viveu durante muitos anos no Japão, publicou vários artigos sobre o Zen Budismo há mais de vinte e cinco anos e escreveu a mais completa história a respeito do Zen.[6] Reconhecida autoridade ocidental sobre o Zen, o teólogo cristão , assim como outros jesuítas que tiveram contato com os "bonzos"[7], ficaram encantados "com a sutileza, o refinamento, a perfeita distinção reinantes nos templos Zen muito mais do que em qualquer outra parte".[8] O padre Dumoulin revela as origens, o desenvolvimento e a localização de suas diversas escolas com objetividade, sem contudo procurar explicar e analisar o Zen. Outro grande conhecedor e considerado uma das maiores autoridades em budismo, é o Dr. Daisetz Teitaro Suzuki (1870-1966), autor da famosa série de Ensaios sobre o Zen budismo é professor de Filosofia Budista na Universidade de Otani, Kyoto, escreveu diversas obras sobre o budismo em inglês e japonês. Com Suzuki, Merton manteve uma relação dialogal intensa.

[5] Suzuki, D. T. *Mística: Cristã e Budista.* Belo Horizonte: Itatiaia. 1976. p.41.
[6] DUMOULIN, Heinrich. *A History of Zen Buddhism. New York: Pantheon Books, 1963.*
[7] Monges budistas.
[8] Thomas MERTON, *Místicos e mestres Zen.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972. (Luz da Ásia, v.1).

2. A vacuidade Absoluta

O luar entranha-se nas profundezas do lago
sem deixar marcas nas águas...
Sentença zen

Segundo Merton, o Zen budismo é um resultado da combinação do Budismo Mahayana com o Taoísmo chinês, depois levado para o Japão onde foi aperfeiçoado. Conhecido como o primeiro na linha dos patriarcas Zen, Bodhiharma, que foi contemporâneo de São Benedito, no Ocidente (século VI d. C.), veio da Índia convidado pelo Imperador Wu, da dinastia Liang na China. Segundo o grande estudioso e amigo de Merton, Suzuk,i existem vários episódios difundidos entre os seguidores do Zen que podem não ser históricos mas merecem atenção pois são retirados de um manual Zen chinês, chamado Hekigan-shu ou Hekigan-roku, que significa "Coletânea do Rochedo Azul" ou "Crônicas do Rochedo Azul". Entre estes, conta-se que o Imperador Wu, budista, grande estudioso dos Sutras Mahayana, perguntou ao Bodhidharma:

- Os Sutras referem-se muito à mais alta e mais santa verdade, mas o que é ela, meu reverendo mestre?
- Uma vasta vacuidade sem nela haver santidade – respondeu Bodhidharma.
- O imperador: - Quem és tu, então, que estás diante de mim, se nada há de santo, nada há de alto na vasta vacuidade da verdade suprema:
- Bodhidharma: - Não sei, Majestade.

O Imperador não compreendeu o sentido dessa resposta, e Bodhidharma deixou-o e se retirou para o Norte.[9]

Os mestres do Zen são, segundo Suzuki, "conhecedores que desconhecem ou desconhecedores que conhecem. Assim, seu 'Não sei' não significa realmente 'Não sei'." [10] O que é então esta "vasta vacuidade" (sunyata)

[9] D. T. SUZUKI. *Mística: Cristã e Budista*. P. 35.
[10] Idem, p.34.

que Bodhidharma propõe elucidar? Este é um conceito bastante complexo e muitas vezes mal interpretado, principalmente pelo mundo ocidental, que na maioria das vezes, segundo Merton, coloca conceitos metafísicos para explicar os termos budistas, que são religiosos ou espirituais, expressões de experiência espiritual concreta e não de especulação abstrata.[11] Para Suzuki, esta "Vacuidade" é uma espécie de não conhecimento transcendental, divino e sobrenatural que o mestre queria transmitir para o imperador, e que "somente o poderemos aprender pulando ou mergulhando no vale silencioso da Vacuidade Absoluta. Não há continuidade entre isso e o conhecimento que altamente prezamos no reino da relatividade onde se movem nossos sentidos e nosso intelecto."[12]

O Dr. Suzuki comenta vários aspectos referentes ao significado da "Vacuidade" entre os quais cita que: "A Relatividade é um aspecto da Realidade e não a própria Realidade. A relatividade é possível algures entre duas ou mais coisas, pois este é o caminho que relaciona uma à outra."[13] A vacuidade seria então, para os budistas, o campo de operações onde gravitam o movimento e a relatividade. O sunyata budista não significa ausência, nem extinção, e tampouco uma lacuna , nem está no plano da relatividade. Para Suzuki:

> É a Vacuidade Absoluta, que transcende todas as formas de relação mútua, de sujeito e objeto, de nascimento e de morte, de Deus e o mundo, de alguma coisa e nada, de sim e não, de afirmação e negação. Na vacuidade budista não existe tempo, nem espaço, nem "tornar-se", nem "não ser". Ela é o que faz todas estas coisas possíveis; é o zero pleno de infinitas possibilidades, é o vácuo de conteúdo inesgotável.[14]

Esta é uma filosofia da auto-identidade, que é distinta da simples identidade, nesta temos dois objetos, e na auto-identidade existe apenas um objeto ou sujeito que se identifica consigo mesmo saindo fora de si. A auto-

[11] Thomas MERTON. *Místicos e mestres Zen.* p. 15.
[12] D. T. SUZUKI, *Mística: Cristã e Budista.* p 36.
[13] Idem, p.34.
[14] Ibidem, p. 39.

identidade gera movimento, é a lógica da experiência pura, denominada pelos budistas de identidade.[15]

O mestre vindo da Índia transmitiu "diretamente" a experiência da iluminação de Buda sem qualquer conhecimento escrito ou verbal, mas o Zen é anterior a ele. A seguinte estrofe de quatro versos (gatha) contém um sumário da doutrina zen:

> Uma tradição especial à parte das escrituras (i.e., sutras),
> Independência de palavras e letras,
> Visando diretamente a alma humana,
> Observando a natureza interna individual e a conquista do Budado.[16]

Esta estrofe, atribuída ao Bodhidharma, foi na verdade composta muito tempo depois, na Dinastia T'ang, quando o Zen atingiu seu auge na China. Observa-se a partir desta estrofe que o Zen é uma experiência, e não uma prática baseada no conhecimento intelectual como meio de alcançar a iluminação. Segundo a interpretação de Merton no Zen não existe oposição entre corpo e alma, espírito e matéria, em outros textos do Bodhidharma a palavra alma estaria sendo usada como "mente" (h'sin). Esta "mente" ultrapassa o conceito psicológico de mente, e não é tampouco "uma forma do corpo", mas é um princípio do "ser".

Segundo o Dr. Daisetz T. Suzuki, a "mente" para o Zen não é uma faculdade intelectual mas sim "uma realidade última consciente de si mesma, e não a sede de nossa consciência empírica"[17], no sentido que os místicos Rhenistas chamaram de "base" da nossa alma ou do nosso ser que vive em contato direto com Deus. No Novo Testamento corresponderia ao "espírito"ou "pneuma" (São Paulo).

3. A visão interna Zen

[15] Ibidem, p. 41.
[16] Thomas MERTON. *Místicos e mestres zen.* p. 13.
[17] D.T SUZUKI. *Essays in Zen Buddhism,* Série III, Londres, 1958, p.23

Qual era a tua face antes dos teus pais
nascerem?
Sentença Zen

Merton compara a realização da "mente búdica" ou do "Budado", apesar do budismo não aceitar a "ordem sobrenatural", com as expressões cristãs "tendo a mente em Cristo" (I Cor. 2:16) e sendo "uno em Espírito com o Cristo", "Aquele que está unido ao Senhor é o espírito" (I Cor. 6:17). Segundo Merton, a visão interna Zen, para Bodhidharma , se colocaria como uma percepção direta da "mente" ou da "face original" do indivíduo:

> E essa percepção direta implica na rejeição de todos os meios ou métodos conceituais para que o homem possa chegar a compreender que 'não possui mente' (wu h'sin): de fato, por estar 'sendo' e não 'possuindo' a mente. A iluminação é uma visão interna de estar sendo em toda sua plena realidade existencial e atual (...) A visão interna Zen é a percepção da absoluta realidade espiritual e. portanto, a compreensão da vacuidade de todas as realidades, limitadas ou particularizadas. Por isso é incorreto afirmar que a visão Zen é a realização da nossa própria natureza espiritual individual...[18]

Merton comenta ainda que o budismo teria sido mal interpretado pela incapacidade de distinguir entre o "ego empírico" e a "pessoa", a visão interna Zen corresponderia a uma libertação do ego individual e uma revelação da "verdadeira face" na "mente", que está em tudo e acima de tudo. Esta visão é a auto percepção do ego em nós, segundo Merton: "Não é uma submersão panteísta ou uma perda do ego na 'natureza' ou 'o Um' (...) é o reconhecimento de que todo mundo tem consciência de si mesmo em mim, e que 'eu'já não sou mais meu ego individual e limitado, menos ainda uma alma sem corpo, mas que minha 'identidade'deve ser procurada não nessa separação de tudo que é sim, mas na

[18] Thomas MERTON. *Místicos e mestres zen.* p.15.

unidade (na verdade , 'convergência' ?) com tudo que é."[19] Este processo interno corresponde à afirmação mais elevada da verdadeira identidade no Um e com o Um manifestada no paradoxo Zen.

Para uma melhor compreensão do Zen chinês, é importante elucidar os fatos que originaram na escolha do "Sexto Patriarca", Hui Neng, quando houve uma cisão entre as escolas do norte e do sul no século VII. Hung Jen, o quinto patriarca, pediu aos monges que compusessem um verso onde colocassem sua visão interna Zen, para que fosse escolhido seu sucessor. O primeiro dos discípulos do patriarca, Shen Hsiu, compôs o seguinte verso:

> O corpo é a árvore Bodhi (sob a qual Buda atingiu
> sua iluminação).
> A mente é como um espelho polido.
> Deves ter o cuidado de limpá-lo constantemente,
> Não permitas que um único grão de pó possa
> mancha-lo.[20]

Na interpretação de Merton, este verso está muito próximo do neoplatonismo, sugerindo, talvez por um equívoco na tradução, a divisão grega entre o espírito e a matéria, e sugerindo a "iluminação como um estado de pureza imaterial, no repouso essencial e na ausência de outros conceitos"[21] Por isso mesmo esse discípulo foi rejeitado pelo mestre, e em seu lugar, foi escolhido um camponês analfabeto, chamado Hui Neng, que trabalhava na cozinha e nem mesmo era um monge, mas que reescreveu o verso anterior demonstrando a real visão interna Zen:

> O Bodhi não se parece a uma árvore,
> O espelho limpo não está em parte alguma.
> Fundamentalmente, nada existe:
> Onde está, então, o grão de pó?[22]

[19] Idem. p. 16
[20] Ibidem. p.17.
[21] Ibidem. p. 17.
[22] Ibidem. p. 18 .

Este segundo verso demonstra o verdadeiro espírito do Zen budismo, deve-se compreender que a linguagem dos mestres Zen coincide com a linguagem dos místicos ocidentais, que com palavras figurativas descreveram sua experiência mística, segundo Suzuki esta linguagem não é metafísica e sim poética e fenomenológica. Para Merton, "a visão Zen é a percepção direta do próprio ser e não uma intuição sobre a natureza do ser. Nem pode a visão Zen ser descrita em termos psicológicos, e encará-la como uma experiência subjetiva 'atingível' por algum processo de purificação mental equivale a ser levado ao erro e ao absurdo."[23]

Sob o prisma de Merton, Hui Neng fez uma reviravolta na espiritualidade budista pelo abandono da meditação longa e formal chamada de *zazen* , que é uma meditação sentada. Deixou de separar a meditação como um meio (dhyana), da iluminação da meditação como um fim, (prajna). Merton afirma que "para Hui Neng, toda a vida é Zen. O Zen não poderia ser encontrado pelo mero abandono de uma vida ativa para tornar-se absorvido na meditação. O Zen é a verdadeira percepção do dinamismo da vida que vive em nós, como sendo a vida individual que vive em tudo."[24] A sutileza da doutrina Zen é muitas vezes mal compreendida no Ocidente devido às suas nuances e delicadezas. A atitude Zen foi equivocadamente confundida com o quietismo, mas muito pelo contrário, representa o dinamismo da vida com os seus paradoxos.

Considerações finais

Seguir a trilha de Thomas Merton, grande mestre do silêncio e da contemplação, na busca do diálogo inter-religioso é como adentrar numa floresta densa, de mata fechada, mas com muitas riquezas e mistérios desvelados para quem se arrisca nesta caminhada. Merton já vendo as profundas contradições existentes na sociedade pós-moderna vinha se preparando e fazendo uma reflexão sobre as diversas tradições religiosas sempre respeitando as diferenças e pontuando as semelhanças entre elas.

[23] Ibidem. p. 18
[24] Ibidem. p. 20.

Segundo o teólogo Faustino Teixeira, em seu livro *A espiritualidade do seguimento*:

> A sociedade moderna, animada pela razão ilustrada, desestabiliza igualmente as 'solidariedades tradicionais' que forneciam um ponto de apoio importante para a identidade dos indivíduos. E, desfazendo as referências dos valores da tradição em nome da autonomia e maioridade do sujeito, reforça um subjetivismo individualista (...) O impacto da razão se exerce também sobre a religião, imprimindo um movimento radical de 'desencantamento do mundo'.[25]

Na interpretação de Merton, a cultura industrial do ocidente alcançou o máximo da contradição e da racionalização, fato que ele criticou duramente, e o Zen leva este paradoxo ao seu derradeiro limite, onde, segundo ele, nos dirigimos à "loucura" ou à "inocência". O interesse pelo Zen no ocidente é segundo o autor uma reação saudável ao cartesianismo: "Descartes fez do espelho em que o eu se encontra um fetiche. O Zen o despedaça pondo-o em frangalhos."[26]

O desafio do diálogo com o Zen budismo é grande pois trata-se de uma espiritualidade não teísta; o budismo não afirma nem nega Deus, seu objetivo é a emancipação da dualidade. Portanto, pode se aproximar do cristianismo pelo mesmo objetivo de se criar no homem uma consciência plenamente nova e esta proximidade pode se dar pela via da experiência mística, terreno este onde Merton se ancorou e que se refletiu em sua obra. Apesar das diferenças doutrinais e teológicas, o cristianismo de Thomas Merton sai fortalecido pela sua experiência religiosa no Zen budismo. A sua identidade cristã permanece enriquecida pela contemplação e meditação Zen, como vivência de humildade e delicadeza com a alteridade.

Referências

[25] Faustino TEIXEIRA. *A espiritualidade do seguimento.* São Paulo: Paulinas, 1994. p. 7.
[26] Thomas MERTON. *Zen e as aves de rapina.* p. 13.

AZEVEDO, Murillo Nunes. *O olho do furacão.* Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1973. (Luz da Ásia, v. 5)

MERTON, Thomas*. Místicos e mestres Zen.* Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 1972. (Luz da Ásia, v. 1).

MERTON, Thomas. *Zen e as aves de rapina*. 7. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

SHANNON, William H.; BOCHEN, Christine M.; O' CONNELL Patrick F. The Thomas Merton Encyclopedia. New York: Orbis Books. 2002.

SUZUKI, D. T. *Mística: Cristã e Budista.* Belo Horizonte: Itatiaia. 1976.

TEIXEIRA, Faustino. *A espiritualidade do seguimento.* São Paulo: Paulinas, 1994.